

Uma viagem com Paulo Vanzolini

A field trip with Paulo Vanzolini

Fábio de Melo Sene¹

¹

Formado em História Natural pela USP - Universidade de São Paulo - (1966), mestrado (1970), doutorado (1973) e livre-docência (1981) em Genética, pela USP. Pós-doutorado na University of Hawaii (1976), na University of Arizona (1989). Professor Titular da USP. Membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do estado de São Paulo, Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico do Ministério da Ciência e Tecnologia. Editor-chefe de 2002 a 2005 e atual editor-associado da revista *Genetics and Molecular Biology*, da Sociedade Brasileira de Genética. Publicou o livro *Genética e Evolução*, EPU, 1981.

Os trabalhos do Prof. Paulo Vanzolini, iniciados na década de 1950 no Museu de Zoologia de São Paulo, após seu retorno da Universidade de Harvard, onde obteve o PhD, foram um divisor de águas nas pesquisas na área de Zoologia no Brasil e tiveram ampla repercussão internacional.

O principal fator inovador nos seus projetos é que suas pesquisas tinham como premissa o Neodarwinismo (ou Síntese moderna, ou Teoria sintética de evolução), proposto na década de 1940 por alguns pesquisadores, entre eles o zoólogo Ernst Mayr (da Universidade de Harvard) e o geneticista Theodosius Dobzhansky (da Universidade de Columbia). O Neodarwinismo, ao fazer a síntese entre o conhecimento da genética mendeliana com a teoria evolutiva de Darwin, passou a considerar a população genética como a unidade do processo evolutivo.

Partindo dessa premissa, suas pesquisas se concentraram no estudo da variabilidade intrapopulacional e interpopulacional das espécies, levando em consideração a distribuição geográfica, a variação ambiental, enfim, a ecologia dos organismos. Ao utilizar o conceito biológico de espécie (Mayr, 1942) e ao considerar as espécies como entidades multidimensionais, afastou-se dos conceitos tipológicos de espécie e de uma taxonomia *alfa*, amplamente utilizados na época, e que não consideravam as variações intrapopulacionais.

Outro avanço nas suas pesquisas foi o estudo de caracteres de variação contínua (cujas heranças são poligênicas, ou multifatoriais) o que exigia amostras grandes de cada população e complexas análises estatísticas dos dados. Para obter as amostras, foram

necessárias extensas excursões de campo nos diferentes ambientes fitogeográficos da América do Sul.

Embora tenha concentrado grande esforço de coleta na Amazônia, trabalhou em todos os demais domínios morfoclimáticos. Consta que, nesses seus anos todos de trabalho, a coleção herpetológica do Museu de Zoologia teria passado de 1.200 espécimes para 230.000.

A *teoria dos refúgios*, uma das suas mais importantes contribuições científicas, surgiu como decorrência do estudo dessa enorme quantidade de material, coletado com extremo rigor quanto à localização e quanto às características ambientais de onde viviam as populações. A meticulosa obtenção dos dados morfológicos e as precisas análises estatísticas permitiram a interpretação que levou à *teoria*.

Os chamados *refúgios* são decorrentes das flutuações paleoclimáticas ocorridas no período Quaternário. Quando as geleiras avançavam sobre o hemisfério Norte, num período glacial, o hemisfério Sul ficava frio e seco. Quando elas recuavam, num período interglacial, o hemisfério Sul ficava quente e úmido. Assim, no hemisfério Sul, no período interglacial, as matas se expandiam, ampliando seu território, cobrindo grande parte da América do Sul e, junto com a expansão das matas ocorria, também, a expansão da fauna desse ambiente. Num período glacial, as matas se retraíam, diminuindo sua área de distribuição, e se fragmentavam em isolados, verdadeiras *ilhas* de vegetação, cercadas por vegetação seca, as quais, nesse período, se expandiam. Nessas ilhas de vegetação também sobreviviam as espécies animais, só que em populações menores, em decorrência do tamanho da área, e isoladas das demais populações que sobreviviam em outras *ilhas*. Em decorrência desse aspecto de sobrevivência restrita da fauna, pressionada pela redução do ambiente, é que essas ilhas foram chamadas de *refúgios*. Resumindo:- toda vez que as matas recuavam, as populações se isolavam e passavam a ter uma distribuição geográfica descontínua; - quando elas voltavam a se expandir, as populações passavam a ter uma distribuição geográfica contínua e desaparecia o isolamento. No período de isolamento, a tendência

é a ocorrência de diferenciação entre as populações (de acordo com a Teoria Sintética) e, no período de fusão, duas coisas poderiam ocorrer: 1. a diferenciação havia sido tão grande que os indivíduos das diferentes populações não se cruzavam mais (havia-se tornado espécies diferentes, de acordo com o conceito biológico de espécie); 2. a diferenciação não havia sido suficiente para criar um isolamento reprodutivo e os indivíduos das diferentes populações, ao se intercruzarem, davam origem a uma nova população com variabilidade muito maior.

Foi o estudo dessas diferenciações e desses aumentos de variabilidade que permitiram que a *teoria dos refúgios* fosse formulada.

Manteve-se à margem da sistemática filogenética, por discordar de suas premissas, mesmo durante o *boom* desta técnica, nas décadas de 1970 e 1980, quando ela passou a dominar a zoologia brasileira.

Meu primeiro contato com o Prof. Vanzolini foi em 1967, numa disciplina de especialização por ele ministrada aos sábados, no Museu. Na disciplina Evolução Abaixo de Espécies, discutíamos aspectos teóricos e práticos das pesquisas com populações em ambientes tropicais, o que foi fundamental para que eu orientasse minhas próprias linhas de pesquisa, como geneticista de populações. Só tempos depois me dei conta de como era inusitado ter um professor de Zoologia falando de *variabilidade intrapopulacional* e de *Seleção Natural*, termos que só ouvira entre geneticistas.

Em 1976, participei com ele, dirigindo a kombi do Museu, de uma coleta de campo, durante 30 dias, no interior dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Eu havia acabado de voltar de um Pós-Doc no Havaí e foi extremamente importante ter tido a oportunidade de trabalhar com ele, no campo. O convívio com o Prof. Vanzolini foi fundamental para que eu pudesse fazer a interface dos conhecimentos zoológicos com os genéticos nos meus estudos com *Drosophila*. Com seu conhecido poder de crítica, ele dizia que um dos problemas das pesquisas do Dobzhansky é que ele considerava as drosófilas como se fossem um *saquinho de cromossomos*,

esquecendo que era um bicho, um organismo que tinha necessidades ecológicas e comportamentais. Sempre estive atento a isso, pois embora trabalhássemos com organismos diferentes (ele com lagartos e eu com moscas), com marcadores diferentes, (ele com dados morfológicos e eu com genéticos como cromossomos e isoenzimas) estávamos com o mesmo objetivo de conhecer as características e a diversidade dos organismos em ambientes tropicais.

Sua dedicação ao trabalho sempre foi muito grande. Foi diretor do Museu de Zoologia por 32 anos, é um dos fundadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no início da década de 1960, onde exerceu diversos cargos de diretoria, além de intensa atividade em sociedades científicas e academias de ciência. Exerceu atividade docente e atuou intensamente como orientador na formação de profissionais na área de zoologia. Antes da consolidação da pós-graduação em São Paulo, ocorrida a partir da década de 1970, incentivou e deu condições para que diversos estudantes fossem fazer pós-graduação no exterior, especialmente na Universidade de Harvard. Após 1970, orientou diretamente diversos estudantes nos diferentes níveis, de Iniciação Científica a Pós-Doutoramento. A grande maioria desses estudantes são hoje chefes de pesquisa em diversas instituições e replicam, de uma forma ou de outra, os ensinamentos recebidos durante sua formação.

Viagem ao Nordeste em abril de 1976.

Em abril de 1976 Paulo Emílio Vanzolini era Professor Adjunto da USP e Diretor do Museu de Zoologia da USP; eu, Fábio de Melo Sene, Prof. Dr. no Instituto de Biociências da USP e acabara de voltar de um Pós-Doutorado no Havaí, éramos colegas: ele, zoólogo e eu, geneticista, ambos interessados no estudo das populações naturais e na biodiversidade em ambientes tropicais. Nosso relacionamento pessoal era ótimo. Nessa época eu morava a uns 50 metros do Museu e o visitava com razoável frequência.

Sáimos de São Paulo, na kombi do Museu de Zoologia, numa viagem de 21 dias, para coleta de campo no Rio Grande do Norte e Paraíba. Uma aluna dele (Mércia?) também participou da viagem. Na ida, em Recife, Dalci Menezes, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, juntou-se a nós.

Apesar de termos grande experiência em trabalhos de campo, nessa viagem, Vanzolini era o chefe: decidia a hora de sair, de parar, onde e quando comer, onde e quando dormir e pagava as contas com verba do CNPq. Nas estradas eu era o motorista e Vanzolini, o “navegador”, função que exercia com eficiência e discrição: anotava tudo - quilometragem, horário de tudo, consumo de combustível e controlava o percurso, com vários mapas; não dava palpite sobre minha maneira de dirigir: nada de “cuidado com a curva” - “olha a ponte” - “será que vai dar para ultrapassar?” - “tá correndo muito”... apesar de termos rodado uns 7.000 quilômetros. Não foi por falta de oportunidade que ele não deu palpites. Como motorista, nunca tive um copiloto tão dedicado. Não era mal humorado - falava pouco e eu, menos ainda, pois sabia que burrice e/ou ignorância o incomodavam muito e que ele era do tipo “cismático e opiniático”, com “opinião formada sobre tudo”. Em qualquer situação sempre estava claro que estávamos a serviço.

Nesse período de convívio, várias características pessoais dele ficaram evidentes: extrema seriedade profissional que se manifestava pelo respeito aos horários estabelecidos, cuidado com a coisa pública - economizando em tudo que era possível; extremamente educado, grande sensibilidade social, especialmente no relacionamento com o público e muito honesto em suas atitudes. Era rigoroso para que não se confundisse viagem de campo com turismo: era proibido comprar souvenirs para a família, visitar pontos turísticos etc.

A viagem: no final da tarde da sexta-feira levei ao Museu meu material de coleta para se juntar ao dele e, lá pelas 20 horas, tudo estava arrumado no corredor do segundo andar, pronto para ser colocado na kombi no dia seguinte. Ele dormiria lá mesmo, na sala dele, e eu deveria telefonar para ele

às 04h30 para acordá-lo e, a partir das 05h, deveríamos começar a carregar a perua para sairmos ao redor de 06h.

Liguei umas três vezes: o telefone tocou até o fim e ninguém atendeu. Às 05h cheguei ao Museu e o guarda/porteiro me informou que ele saíra à noite com amigos e que retornara às 04h. Subi e ele estava dormindo debaixo da bancada. Comecei a descer o material e, na terceira vez que subi, estava andando pela sala. Falamos um rápido “oi” e terminamos de descer tudo. Ao carregar a kombi, entendi rapidinho que aquele era um dos serviços do qual ele se sentia especialista e não aceitava ajuda, palpites ou sugestões.

Saímos às 06h (sábado, 10/04/76), conforme combinado. Ele foi mudo e semi-dormindo até lá pelas 11h, chegando em Volta Redonda, quando a lona de freio de uma das rodas começou a travar. A kombi, além de velha (motor 1.200, freios hidráulicos, mas não hidrovácuo), estava muito mal conservada. O conserto foi rápido e às 18 horas chegamos em Fervedouro (MG), após rodar 660 quilômetros. Dormimos em um hotelzinho na beira da estrada.

No dia seguinte, saímos cedo e, faltando uns 30 quilômetros para Governador Valadares, o motor da kombi fundiu. Fui buscar socorro e voltei com um guincho. A traseira da kombi foi levantada, a direção amarrada, pois rodaria puxada pela traseira, apoiada nas rodas dianteiras, bem inclinada para frente. Tudo pronto, o motorista do guincho nos chamou para irmos na cabine do caminhão. Vanzolini disse que iria na kombi. O motorista argumentou que, além de incômodo pelo fato de ir de marcha-a-ré e muito inclinada para frente, havia o risco dela se soltar do guincho. Vanzolini resmungou: *o comandante não abandona o navio*. Ato contínuo, abriu a porta e sentou-se no banco da frente (que naquele tempo não tinha cinto de segurança). Quando chegamos em Governador Valadares, 30 minutos depois, ele estava bastante atordoado de tanto ver o chão passar de trás para frente, mas não reclamou. Era domingo. Ficamos no Hotel Avenida. Na segunda-feira, o motor foi trocado (à base de

troca) e, na terça, seguimos viagem, amaciando o motor nos primeiros 500 quilômetros.

No final do dia, na hora do lusco-fusco, chegamos a Vitória da Conquista (BA), após rodar uns 520 quilômetros. Logo na entrada, pediu para parar, pois na marginal da estrada tinha um sobradinho com uma luzinha vermelha acesa na porta e poderia ser um bom lugar para dormirmos. Argumentei: *essa luzinha vermelha não indica que esta casa é um bordel? Exatamente*, respondeu ele, *só que, para dormir, os bordéis costumam cobrar pouco*. O rigor na administração das finanças da viagem era prioridade. No andar de baixo, restaurante e boate; no andar de cima, os quartos. As garçonetes, de unhas pintadas de verde, micro-saias e decotes generosos, circulavam alegremente entre as mesas. A luz era pouca e não deu para ver direito o que comemos. Lá pelas tantas ele foi ao banheiro e quando voltou uma garçonete muito solícita veio atrás dele falando... *doutor, o senhor esqueceu a braguilha da calça aberta...* ao que ele respondeu enquanto a fechava: *não se preocupe, passarinho criado na mão não foge*. A garçonete deu uma sonora gargalhada e saiu contando a história de mesa em mesa, enquanto apontava para nós.

Dia seguinte fizemos rápida revisão no motor em Vitória da Conquista e chegamos em Entre Rios (BA) às 19 horas, após rodar 530 quilômetros. Paramos em um posto de combustível e ele decidiu que dormiríamos naqueles quartos para motoristas, que ficam atrás do restaurante, porque era mais barato. A quantidade de pernilongos dentro do quarto era absurda... eram nuvens de insetos. Questionei o que fazer e ele sugeriu abrir a janela para que fossem embora. Fomos jantar e, quando voltamos para dormir, a quantidade de pernilongo continuava enorme. Falei que eu tinha na minha bagagem uns espirais cuja fumaça era repelente para insetos... com muxoxo ele disse *deixe de frescura*. Entendi que nada faríamos. Várias vezes, na viagem, ficou claro que ele evitava parecer fraco, nem que para parecer forte ele tivesse que andar pendurado em uma kombi guinchada ou enfrentar milhares de pernilongos. Peguei um repelente líquido na minha

bagagem e passei no meu travesseiro, no meu lençol, na guarda da minha cama, na parede ao lado da cama e numa cueca que coloquei na cabeça. Não dormi bem, apesar do cansaço, porque durante noite toda ele se debateu na cama. No dia seguinte, parecia que ele estava com sarampo de tanta picada no rosto. Não falei nada... mas a aluna dele, durante o café da manhã perguntou sobre as manchas, ao que ele respondeu: *também, meu companheiro de quarto nem para repartir os pernilongos comigo*. Lógico que alguém tinha que ser responsabilizado pelas consequências da teimosia dele.

Na chegada a Recife, a estrada estava péssima. Os buracos eram tão grandes que em alguns dava para entrar e sair de dentro deles com o carro. O trânsito de caminhões, fazendo um balé para fugir dos buracos, era intenso nos dois sentidos. Eu, a 60 km/h, também dançando. De repente uma super carreta, que vinha de frente, para desviar de um super buraco, jogou-se em cima da kombi. Não deu nem para pensar se ela desviaria a tempo, ou não... joguei a kombi para a direita, no que deveria ser o acostamento... só que havia um desnível de uns 30 cm e um capim alto ocupava toda a área. Se a estrada tinha buracos, imagine o acostamento. Lembro-me vagamente de que bati a cabeça no teto umas duas vezes, saí para o acostamento com as quatro rodas, engatei uma marcha reduzida e voltei acelerando para a pista, o mais rapidamente que pude. Os para-brisas estavam cobertos de capim. Parei o carro assim que foi possível, para tirar os capins dos para-brisas, Vanzolini não conseguiu abrir a porta porque o bico da kombi tinha batido no chão e entortado o estribo. Subi no estribo e desentortei. Nenhuma palavra entre nós. Andamos uns 500 metros e paramos numa vendinha para tomar água. Então ele perguntou: *tudo bem com você?* Ao que respondi: *tudo bem, minhas rótulas é que estão um pouco nervosas* (naquele tempo ainda se chamava a patela de rótula)... na realidade eu estava com as pernas bambas pelo susto. Então ele comentou: *achei que iríamos capotar no acostamento...* a que respondi: *Eu também, por isso me apressei em voltar para pista*, acrescentei: *ainda bem que ninguém se*

machucou. Ao que retrucou, calmamente: *é verdade, só quebrei um dente*. Durante a confusão, ele estava com o cachimbo na boca e mordeu com força, foi a explicação. Lamentei o fato, mas não tinha muito o que falar ou fazer.

Pouco depois, dia 15/04, chegamos a Recife onde o Prof. Dalci juntou-se a nós. Permanecemos em Recife dia 16 e, no café da manhã, ele me disse que ia mandar a estudante voltar de ônibus para São Paulo, pois a doença dela (um desarranjo intestinal), que começara no dia anterior, era somatização, saudades da mãe, e era comum ocorrer isso com quem não tinha experiência de viagem de coleta e que não estava disposto a aguentar tal situação. Tentei argumentar que diarreias eram comuns em viagens pelo Nordeste, mas não considerou. Propus uma segunda alternativa: ela tomaria Ftalomicina e passaria o dia tomando água de coco. Se, no dia seguinte, ela não estivesse melhor, voltaria.

No dia 17, fomos todos para o Rio Grande do Norte. Vanzolini queria coletar lagartos próximo às dunas. Assim, fomos parar em Barra do Maxaranguape (RN), a uns 40 quilômetros ao norte de Natal.

Barra do Maxaranguape era uma vila de pescadores de lagostas numa enseada paradisíaca, composta por umas 50 casas e o número de habitantes não devia passar de 300 pessoas. Naquele período do ano, a pesca de lagostas estava proibida e o único trabalho possível, preparar os covos para a próxima temporada de pesca, era oferecido pelos donos dos barcos. Aos homens competia sair pelo mato catando varas, enquanto as mulheres teciam as telas de arame (os patrões davam o arame e uma tábua com pregos para moldar as telas); não me lembro qual era o dinheiro da época, mas aos homens pagavam \$2,00 o cento de varas e às mulheres pagavam \$0,50 o metro linear de tela de 60 cm de largura.

Chegamos no final da tarde, e depois de algum tempo circulando a pé e conversando aqui e acolá, fomos informados de que o único lugar possível para nos acomodarmos era a casa da Dona Franciscinha, que, às vezes, aceitava hóspedes. Não me lembro de como foi a conversa com ela. Só

sei que ela botou os nove filhos para fora e passamos a ocupar toda a casa com ela nos fornecendo as refeições. Na casa, tudo era de chão batido; tinha uma sala na entrada, vários quatinhos, uma cozinha no fundo e, atrás da cozinha, um espaço possível de tomar banho (não vou chamar o espaço de banheiro; o banho era de caneca; eu tinha que tomar

Fotografia 1
Dona Francisquinha, seu marido, alguns dos filhos e uns penetras, na frente da pensão. Barra do Maxaranguape - RN. Foto: FMSene, 1976



banho agachado porque a parede que o separava da cozinha tinha 1,40m de altura; outras necessidades eram feitas no mato); cada quarto, com uns 2x2m, só tinha ganchos para rede e nada mais (Fotografia 1).

Assim que decidimos onde nos alojaríamos, Vanzolini passou a conversar com as crianças, começando pelos filhos da anfitriã, dizendo que, a partir do dia seguinte, compraria calangos. A cara

Fotografia 2
Movimento das crianças trazendo lagartos. Em primeiro plano, a famigerada kombi. Barra do Maxaranguape - RN. Foto: FMSene, 1976.



de desconfiadas das crianças era incrível. Ele mostrou fotos, falou quanto iria pagar e blá... blá...

Na manhã seguinte, saímos de kombi, andamos por umas 2 horas, para conhecermos o ambiente fitogeográfico da redondeza. Quando voltamos, embora com desconfiança, a notícia do “mercado de lagartos” havia se espalhado. Não tardou a aparecer uma criança com um lagarto na mão. O que nos impressionou foi que o lagarto estava vivo, sem sinal de ter sido agredido. Ficamos sabendo que a principal brincadeira daquelas crianças era caçar lagartos vivos, com um laço na ponta de uma vara, para fazer competições de corridas de lagartos, ou para os lagartos puxarem carrinhos etc. Vanzolini pagou \$0,50 pelo lagarto, dinheiro que o menino saiu exibindo pela rua. Poucos minutos depois já havia alguns meninos (Fotografia 2), com lagartos, rondando a pensão. Vanzolini armou uma mesa perto da porta da sala, montou o esquema básico e chamou os meninos. Bastou os caçadores de lagartos saírem com o dinheiro para que mais uns seis aparecessem (estavam pelas esquinas, desconfiados, aguardando para ver se a coisa era de verdade). A surpresa é que todos os lagartos estavam chegando vivos e inteiros.

O “mercado de lagartos” causou um reboiço no vilarejo. Com a habilidade dos meninos de pegar lagartos, na primeira manhã já tinha menino ganhando mais que o pai, que demorava uns dois dias para juntar um cento de varas. Consequência? Os pais pararam de catar varas e também foram caçar lagartos... No início, talvez por acanhamento, eles mandavam os filhos entregarem os lagartos, mas logo começaram eles mesmos a levar.

No segundo dia, desde cedo, a vila toda estava envolvida nas caçadas. Não demorou para que a Polícia aparecesse: o Vanzolini tinha documentação para mostrar e a conversa foi rápida e cordial. A informação de que tudo terminaria no final do dia, acho que ajudou. Logo após o almoço ele passou a avisar que pararia às 17h e assim, depois de mais de 700 lagartos comprados, o estoque de anestésico, usado para matar eventuais lagartos vivos, que deveria dar para toda a viagem estava no fim. No

horário combinado, ele parou. Lógico que chegaram alguns depois, mas ele não comprou. Ninguém reclamou, porque todos sabiam que, a partir das 17h, não compraria mais.

A habilidade e seriedade com que comandou o “mercado” foi incrível. Muito respeito com as crianças e com os adultos. Contornou de forma tranquila e com autoridade os poucos problemas surgidos: como quando passou a pagar \$1,00 pelas exemplares mais raros, criando uma certa expectativa de lucro maior; ou quando se recusou a pagar mais que \$0,50 por um lagarto teiú enorme, porque não tinha interesse na espécie; comprou também algumas cobras, embora isso não estivesse no combinado, em respeito aos coletores. O trabalho de Vanzolini e de sua aluna foi intenso não só pela quantidade de lagartos, mas também pelo fato deles estarem vivos, o que exigia que fossem tratados imediatamente à medida que chegavam. Ainda bem que a estudante não voltou de Recife. Posteriormente, Vanzolini me disse que aquela era a coleção mais perfeita que ele tinha de lagartos, pois todos estavam inteiros.

Na manhã do segundo dia, tive tempo para andar sobre os recifes, numa maré baixa, e coletar uma meia dúzia de conchas maravilhosas, cheias de espículas... para presentear minhas filhas... cansadas de só coletar conchinhas, nas praias de São Paulo. Quando entrei na pensão, com as conchas na mão, Vanzolini logo perguntou para que era aquilo... por quê ou para quem eu estava coletando aquelas conchas. Quando soube que era para as minhas filhas, torceu o nariz. Arrumei uma caixa de sapatos e acondicionei as conchas para não quebrarem... e ele só de olho. Sem que visse, escondi a caixa atrás do banco do motorista da kombi, num espaço vazio, e cobri com um pano. Quando foi arranjar a bagagem para sairmos, várias vezes resmungou: *parece que a bagagem cresceu, não está mais cabendo na kombi!* Essa cena repetiu-se mais algumas vezes em outras cidades e parecia que ele estava procurando pela tal caixa.

Nos dias em Barra do Maxaranguape, como não participei do “mercado” tive tempo de colocar iscas e fazer coleta de drosófilas nas dunas. Findo

o sufoco das estradas, tanto nessa primeira parada como nas cidades que se seguiram, tivemos tempo de conversar bastante sobre ciência, especialmente sobre o projeto de pesquisa que estava sendo iniciado após minha volta ao Brasil. Os aspectos fitogeográficos e geomorfológicos daquela região também foram amplamente debatidos, pois eram aspectos importantes para as nossas pesquisas.

No dia 20/04, pela manhã, saímos de Barra do Maxaranguape, fomos a Natal para mais uma revisão na kombi e rodamos para o interior, uns 100 quilômetros sentido sudoeste, até chegarmos em Presidente Juscelino-RN. O nome anterior do povoado era Serra Caiada pela presença de um grande morro branco nas imediações; lembro-me de que lamentamos a troca dos nomes, ocorrida em 1963. Para minha alegria, ao checar a localização desse povoado, para redigir o presente relato, fiquei sabendo que, em novembro de 2013, voltara a se chamar Serra Caiada, como o chamarei daqui para frente. Pelo visto não fomos só nós que lamentamos a troca de nomes do vilarejo na ocasião.

Eram umas 5 horas da tarde quando entramos pelo vilarejo. Na primeira esquina havia um reboleço na rua com muita gente correndo, gritando e olhando para o chão. Era uma cobra, de aproximadamente 1 metro de comprimento, solta pela rua. Vanzolini falou para mim: *chega mais perto... e para o carro*. Ele abriu a porta da perua, correu e entrou no meio das pessoas, principalmente crianças, e zás... agarrou a cobra pelo pescoço (ops... próximo à cabeça) e levantou para o ar. Foi um "ohh!" geral... algumas palmas... um velhinho perto de mim exclamou: *é um acauã!* Isso acontecido, vimos atração no povoado e, quando circulamos um pouco para escolher onde ficaríamos hospedados, as crianças nos seguiram... queriam saber o que faríamos com a cobra. O mercado de lagartos começou a todo vapor logo na manhã seguinte pois não foi difícil a Vanzolini explicar àquelas crianças que ele compraria lagartos... além do episódio da cobra, já tínhamos os lagartos da localidade anterior para mostrar.

Nossa hospedagem, dessa vez, foi nuns dormitórios para motoristas localizados atrás de um restaurante de um posto de combustível. Os quartos mediam 2,0x2,5m, onde só cabiam duas camas, com vão entre elas de uns 40 cm. Ele pediu dois quartos. Éramos quatro. Um quarto seria para a aluna. Argumentei que não cabiam três num quarto, ao que ele retrucou: *tem gancho de rede*. Dormimos: Vanzolini em uma cama, Dalci na outra e eu, numa rede sobre os dois... Novamente, as decisões de economia e poucos gastos prevaleciam.

No primeiro dia ainda deu tempo para darmos uma voltinha de carro para conhecer o entorno: uma ampla planície interrompida apenas pelo morro branco e uma caatinga brava. O “mercado de lagartos” começou cedo e com pouco movimento, mas em poucas horas, à medida que o tempo foi passando, a notícia se espalhando e o dinheiro circulando, começou a chegar muito lagarto. A tranquilidade é que, dessa feita, a grande maioria dos lagartos chegavam mortos, facilitando muito o preparo para colocar no formol.

Apareceram muitas cobras, mas o *frisson* acontecia quando aparecia alguma cobra-cega (*Amphisbaena alba*). Embora ela não seja venenosa e, na verdade, nem seja cobra e sim um lagarto sem pernas (ápoda), a população tinha verdadeiro pavor dela: acreditavam que ela tem duas cabeças e que, se a pessoa que a estiver segurando deixá-la encostar uma cabeça na outra, a pessoa morre na hora. Geralmente, chegavam vivas e dentro de caixas e, quando Vanzolini abria a caixa e as pegava na mão, as pessoas tremiam... abriam a roda... baixava um silêncio... verdadeiro pavor. Perguntei a várias pessoas, que acreditavam na história das duas cabeças, se elas já tinham visto alguém morrer assim, mas a resposta era sempre que tinham ouvido falar...

À tarde, eu estava sentado numa mesinha num canto do restaurante, etiquetando e acondicionando meu material, quando entrou um sujeito de uns 50 anos, falando alto, seguido por uns quatro homens e vi que falava com o dono do restaurante e uns funcionários, apontando para mim. Ato contínuo, vieram na minha direção e ele foi logo perguntando:

o que você está fazendo? Percebi que ele estava alcoolizado, respirei fundo e comecei dizendo que eu era biólogo, pesquisador da USP, e que minha pesquisa era feita com aquelas mosquinhas... e levantei um vidrinho na direção dele para mostrar. Ele nem quis ver e foi gritando: *Você acha que eu sou idiota e vou acreditar que vocês vieram desde São Paulo aqui só para pegar estas mosquinhas e para comprar calango?* E continuou: *Sou o dono de todas as terras aqui em volta e soube que vocês andaram entrando em minhas terras... e quero saber exatamente o que vocês estão procurando.* Para minha sorte, o dono do restaurante chegou com alguns funcionários e desviou a atenção dele, enquanto faziam sinal para que eu sumisse. Nem precisaram pedir duas vezes. Fiquei sabendo depois que ele era um coronel do sertão, violento, e que estava com medo que estivéssemos procurando alguma jazida mineral para pedir direito de mineração nas terras dele. Pensando bem, só um idiota para acreditar na minha história...

Fora esse incidente, os dois dias que ficamos nesse vilarejo foram muito trabalhosos, mas rotineiros e tranquilos. O “mercado de lagartos”, apesar

Fotografia 3
Foto de Serra Caiada. Foto:
<http://escaladaserracaiada.blogspot.com.br/2012/07/o-que-voce-precisa-saber-sobre-serra.html>



de intenso, não criou grandes confusões no povoado. Não sei se por estarmos na beira da estrada, na periferia, ou se porque o vilarejo era maior.

No segundo dia, 22/04, o “mercado” acabou às 10h, almoçamos mais cedo e, ao redor do meio-dia,

caímos na estrada rumo a Ouro Branco-RN. A pressa foi porque o tal coronel prometera voltar à tarde.

Fomos rumo sudoeste e chegamos a Ouro Branco no meio da tarde. Entramos na cidade devagar e fomos percebendo que estávamos chamando a atenção da população, um pouco mais do que o normal. Chegamos na praça da igreja, dei uma volta na quadra e a quantidade de gente que saiu nas calçadas para nos olhar continuava anormal. Paramos num posto de combustível para perguntar sobre pousada e fomos informados secamente que lá não havia pousada. Andamos mais um pouco, paramos num ponto de taxi e a resposta foi a mesma: aqui não tem pensão nem hotel. Foi ficando cada vez mais evidente que não estávamos agradando. Diante da animosidade decidimos ir embora.

Saímos para a estrada novamente, cruzamos a divisa com a Paraíba e depois de rodar uns 200 quilômetros, desde Serra Caiada (Fotografia 3),

Fotografia 4.
Foto da caminhada ao redor
de Junco do Seridó. Dalci,
Vanzolini e a aluna.
Foto: FMSene, 1976



chegamos em Santa Luzia-PB, onde tivemos um bom pernoite.

Dia seguinte, 23/04 nos dirigimos cedo a sudeste, uns 30 quilômetros, e chegamos em Junco do Seridó-PB. Estávamos na encosta oeste da Chapada da Borborema. A região tinha muito lajedo e, conseqüentemente, muito lagarto. Depois de darmos uma volta pelo entorno, resolvemos ficar. Nos alojamos nos quartos de motoristas em um posto de combustível.

Conversando com o dono do posto, pudemos entender o que ocorrera em Ouro Branco. Um mês antes havia aparecido na cidade uma equipe médica, numa kombi chapa branca e vacinaram muitas crianças. Muitas passaram mal e houve mortes, daí a revolta e desconfiança da população conosco.

Junco do Seridó foi super tranquilo (Fotografia 4). Foi o local em que mais coletei moscas. Um sucesso. Posteriormente, ao descrever duas espécies novas coletadas nessa viagem, dei-lhes o nome de *Drosophila serido* e *Drosophila borborema* em homenagem àquela região. O “mercado de lagartos” também foi um sucesso: instalou-se rapidamente, pois tínhamos as coletas anteriores para mostrar aos meninos. O trabalho foi calmo, os lagartos chegavam mortos, na maioria, e houve pouca participação de adultos e, com as crianças, Vanzolini se dava muito bem.

Fotografia 5.
Este é um dos muitos dormitórios à beira da estrada, nos quais nos hospedávamos, para gastar pouco. Foto: FMSene, 1976



No primeiro almoço, o atendente trouxe uma jarra com um líquido turvo, amarelo-avermelhado. Perguntei: *suco de quê?* Resposta: *é água*, e apontou, pela janela, uma cacimba onde mulheres lavavam roupa, crianças nadavam, porcos chafurdavam e os jegues entravam até cobrir as barricas amarradas no dorso para que se enchessem de água. Estávamos no sertão. Pedi um refrigerante. Não reparei se Vanzolini bebeu a tal água.

No terceiro dia, 25/04, como sempre, o “mercado” parou antes do almoço e, em seguida, caímos na estrada. Rodamos uns 100km para oeste e

chegamos em São José de Espinhara-PB. Foi a última e a maior cidade do nosso circuito. A vegetação no entorno era de caatinga arbórea, embora estivéssemos em pleno sertão. Foi tudo tranquilo e não me lembro de nada especial, além das minhas coletas e o “mercado de lagartos” que funcionaram muito bem. Foi uma das melhores hospedagens da viagem, pois só tinha um hotel na cidade, e era bom.

Dia 27/04, uma terça-feira, após o almoço, iniciamos a viagem de volta. Depois de muita estrada de terra estávamos de volta ao asfalto. A kombi estava muito mais pesada que na ida. Além do Dalci, todos os tambores de 100 litros (uns 4 ou 5) estavam cheios de água+formol+lagartos.

Rodamos uns 350km e chegamos a Salgueiro-PE, onde dormimos em quartos atrás de restaurante de posto de combustível, para variar (Fotografia 5).

Dia 28, quarta-feira, saímos às 5h da manhã, rodamos até às 18h, 900km, e chegamos a Jequié-BA.

Dia 29, quinta-feira, após cansativos 550 km e chegamos em Teófilo Otoni-MG. Entrei no Hotel Teófilo Otoni, na beira da estrada, uns 10 km antes da cidade, que já conhecia de viagens anteriores, e tinha apartamentos muito bons. Foi meu segundo ato de rebeldia na viagem: - o primeiro tinha sido as conchas de Barra de Maxaranguape. Estava cansado de dormir em posto de combustível e queria tomar um bom banho, dormir numa boa cama. A primeira reação de Vanzolini foi de espanto por eu ter parado sem que ele tivesse decidido e, em seguida, falou: *aqui é muito caro*. Respondi: *eu vou dormir aqui e se for muito caro, eu pago a diferença*. Pura bravata, pois posteriormente nem eu perguntei quanto era, nem ele me cobrou nada. Mesmo assim, conseguiu descobrir que havia quartos mais baratos, com banheiro comum no corredor. Apesar disso eram muito bons, se comparado com os quartos em postos de combustíveis.

Sexta, mais 12 horas e 640 km depois, chegamos em Paraíba do Sul-RJ. O Dalci pegou um ônibus para o Rio de Janeiro.

Sábado, dia 01/05, feriado do dia do trabalho, depois de 420km chegamos ao Museu de Zoologia da USP, no Ipiranga, ao redor de 14 horas.

De terça a sábado, dessa última semana, dirigi umas 12 horas por dia, 2.900km desde São José de Espinharas-PB em estradas esburacadas, e mal sinalizadas, uma kombi carregada, que fazia de 50 a 60km/h, segundo meu copiloto. Às vezes demorávamos mais de uma hora para conseguir ultrapassar um caminhão. Era sentar no banco, por o pé na tábua e deixar a perua andar o quanto aguentasse. No total de ida e volta, percorremos 7.100km. Só um idiota para acreditar que fizemos tudo isso para coletar moscas e lagartos...